

O cangaço em verso: Cangaceiros, violência, valentia e honra nas representações do espaço sertanejo

ROBSON WILLIAM POTIER*

*De todos não tem um só
Que se mostre
arrependido
Embora que da polícia
Vivem sempre
perseguidos
Dizia assim um gaiato:
Quem se confia no mato
Vive sempre garantido
(ATHAYDE, 1926:2)*

Nos primeiros dias de março de 1926, a cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará, tem sua rotina alterada por um episódio que assume, junto à população, desinformada acerca das circunstâncias causadoras do evento, ares de grande acontecimento dos últimos anos. Virgulino Ferreira da Silva, o famoso cangaceiro, mais conhecido como Lampião, havia chegado à cidade trazendo consigo cerca de cinquenta homens do seu bando.

Um morador comum que tivesse acompanhado sua chegada, poderia ter notado que Lampião adentrou à cidade de peito aberto, sem parecer estar sendo perseguido por nenhuma volante da polícia, hospedou-se com seu bando no sobradinho de seu contraparente, o cantador João Mendes de Oliveira, e logo que se viu instalado, aceitou conceder entrevista para o Dr. Otacílio de Macedo, médico do Crato, que fora a Juazeiro especialmente para entrevistá-lo em nome da “Gazeta do Cariri”.

Nesses tempos, Juazeiro era considerada a “cidade do Padre Cícero”. Seu quase nonagenário reverendo detinha, perante a população, status ao mesmo tempo de mentor religioso e líder político local, ainda que não exercesse nenhum cargo público de fato.

A chegada de Lampião foi motivo de alvoroço e burburinho por toda a cidade. Muitas pessoas queriam ver de perto e até prestar homenagens ao famoso cangaceiro e seu bando, ao mesmo tempo em que se especulavam os motivos pelos

quais o bandoleiro estaria na cidade, ou até mesmo se tal visita estaria ocorrendo com o consentimento ou por convite do padre Cícero Romão.

No dia em que concedeu entrevista ao jornal “Gazeta do Cariri”, Lampião recebeu o Dr. Otacílio de Macedo no sobradinho em que estava hospedado, mas teve de interromper a entrevista que só pôde continuar horas depois. Segundo Dr. Otacílio, a entrevista foi interrompida quando o “1º tenente do Batalhão Patriótico de Juazeiro chamou Lampião para um particular.”¹

Consta que um grande número de pessoas se aglomerava em frente ao prédio na tentativa de ver ou até mesmo falar com o ilustre visitante. Dr. Otacílio escreveu em sua reportagem, que a entrevista foi interrompida por episódios pitorescos tais como o momento em que Lampião recebeu uma velha “romeira”, que lhe trouxe de presente imagens bentas de santos. “*Este santo livra a gente de balas? Só me serve si for santo milagroso.*”², exclamou Lampião, beijando e guardando respeitosamente as imagens e oferecendo à velha uma nota de 10\$000. Houve ainda momentos em que, durante a entrevista, o cangaceiro se levantava e ia até a janela jogar moedas para as pessoas que se encontravam em frente ao local.

Lampião afirmou ter grande apreço e respeito pelo padre. Cícero devido a este ser “protetor dos humildes e infelizes”³, além deste proteger incondicionalmente suas duas irmãs residentes na cidade, porém, declarou ainda não conhecer o sacerdote pessoalmente.

Quanto ao motivo desta sua primeira visita à cidade, Lampião informou que desejava juntar-se às tropas legalistas do Batalhão Patriótico de Juazeiro em sua luta contra os revoltosos da Coluna Prestes. Segundo o cangaceiro, as Forças Legalistas vinham amargando insucessos em combate devido à falta de planejamentos estratégicos os quais Lampião poderia auxiliar na elaboração.

O cangaceiro, na ocasião com vinte e sete anos de idade, falou sobre os homens de seu bando, sobre seus pares no cangaço, disse que admirava Sinhô Pereira, chefe do primeiro bando ao qual pertenceu, por este ser leal, valente e batalhador, disse também que considerava Antônio Silvino um covarde porque “se entregou às forças do

¹ entrevista

² Entrevista

³ entrevista

governo em função de um pequeno ferimento” (certamente, mais honroso seria ter sido morto em combate). Lampião se referiu ao cangaço como uma atividade profissional, um negócio, que para ele vinha sendo bem sucedido, porém, também houve momentos em que mencionou a possibilidade de largar essa “profissão” para se tornar um comerciante.

As reais circunstâncias que levaram Lampião a visitar Juazeiro do Norte foram sendo esclarecidas por estudiosos do cangaço ao longo de anos depois do evento.

O que nos interessa, porém, é tentar captar as maneiras como os habitantes da cidade se relacionaram com os acontecimentos e as formas como, mesmo várias décadas depois, representações acerca desse tipo de acontecimento vem sendo (re)construídas e vem servindo de suporte para a construção de mitos acerca do cangaço e seus homens. Mitos que por sua vez, evocam práticas e valores culturais que reforçam e reafirmam todo um conjunto de discursos imagéticos que irão contribuir para a construção e manutenção do espaço sertanejo.

Durante sua estada em Juazeiro, Lampião e sua “cabroeira” se deixaram fotografar, passearam pela cidade livremente, beberam, dançaram, foram visitados porromeiros do padre. Segundo o pesquisador Leonardo Mota, a partir de depoimentos de Pedro Albuquerque Uchoua, “Não faltou quem se oferecesse para unhá-lo. O sargento cearense José Antônio até chorava, de raiva...” (MOTA, 1930), mas o padre não deixou! Lampião deixou a cidade dias depois, levando consigo “esplêndidas carabinas e fuzis do Exército, último modelo, tudo novinho da silva...” (MOTA, 1930), e uma suposta patente de capitão, título que o cangaceiro incorporou ao seu nome dali pra frente.

Algumas semanas após a publicação da entrevista de Lampião à Gazeta do Cariri, a editora de João Martins de Athayde, no Recife, lançou e distribuiu para venda em vários estados do Nordeste, um folheto de cordel cujo poema reconstrói o episódio da visita do cangaceiro à cidade do padre Cícero. Se apesar de importante e célebre a entrevista publicada em página de jornal estaria, com o passar dos anos, destinada ao esquecimento, sua reconstrução em cordel lhe garante uma dimensão atemporal. Os versos do poema serão recitados e cantados pelos mais diversos recantos do sertão e do

litoral, fazendo com que a enunciação do episódio seja repetida por muitas décadas. Suas representações são compostas por discursos que se apropriam dos acontecimentos dando-lhes certo “colorido”, conferindo-lhes fundo moral e reafirmando simbologias que se tornaram constituintes dos valores desse espaço.

Se por um lado é notório que o poema foi composto a partir do conteúdo da entrevista concedida ao jornal, por outro se nota que o poeta (re)constrói o “seu” Lampião, dotando-lhe de grande aparato simbólico acerca de elementos clássicos da cultura sertaneja e do cangaço, não perdendo, inclusive, chances de evocar tais valores, através de uma linguagem que deve poder ser assimilada e reconhecida, através dos tempos, pelos leitores dessa literatura popular.

Representações desse tipo servem para atribuir ao cangaço e ao cangaceiro papéis reguladores de uma ordem social. O cangaceiro é, por excelência, valorizado pelo povo sertanejo por sua inteligência, resistência e capacidade de vencer as adversidades do ambiente, ao mesmo tempo em que, apesar de pertencer a uma vida marginal e criminosa, mantém sintonia com os códigos morais e culturais desse espaço. Seus atos inspiram ao mesmo tempo terror e respeito. As histórias sobre seus feitos são carregadas de extrema violência e não raro, essa violência é representada em verso como forma de construir discursos que ressaltam a importância de ser valente, ser macho, não levar desaforo para casa, jamais perder em uma briga, requisitos, aliás, indispensáveis para que se mantenha a honra. Recebidos freqüentemente nas casas dos grandes proprietários de terras, que utilizavam seus serviços, esses homens costumavam ser encarregados de resolver disputas entre fazendeiros inimigos. A popularidade desses homens “estava ligada, de um lado, ao apoio que recebiam das elites locais – dando-lhes certa legitimidade – e, de outro, ao grau de identificação das populações com sua imagem” (CAVIGNAC, 2006:147).

É justamente por meio da violência, da valentia, do terror e do medo, que esses personagens encenam situações que reafirmam os valores de um espaço onde, na falta de autoridades com força para fazer valer as leis, a existência humana precisa justificar-se por uma “justiça” baseada em preceitos morais e códigos de honra. Os versos acerca do momento da chegada de Lampião ao Juazeiro, por exemplo, fornecem ao poeta a oportunidade de representar imgeticamente o poder de milícia do bando. Poder que ao mesmo tempo tende a causar admiração e temor, mas, que nos versos de

Athayde, ainda contam com o suporte de preceitos morais tais como a obediência dos cangaceiros ao chefe, que por sua vez é leal aos seus homens.

*Causou admiração / Ao povo do juazeiro / Quando Lampião entrou
Mansinho como um cordeiro / Com toda a sua regência / Que lhe rende
obediência
Por ser leal companheiro*

(ATHAYDE, 1926:3)

-----*Compunha-se o armamento / De fuzil, rifle e punhal / Cartucheira na
cintura
Medonha descomunal / Conduzindo muitas balas / Ninguém podia contá-las
Assim dizia o jornal*

(ATHAYDE, 1926:1)

Respeito e admiração são elementos que também podem ser notados na forma como é representada a curiosidade da população acerca dos motivos que teriam trazido tão famoso personagem à sua cidade, porém, o medo de possíveis atos violentos que poderiam ser praticados pelo famoso bando não é um elemento explícito em nenhum dos versos desse cordel. Ainda assim, a violência está implícita em todo o discurso. É justamente na surpresa que as pessoas demonstram pela chegada do bando armado, na forma como toda a cidade se volta para o evento, na maneira como uma velha romeira, segundo os versos de Athayde, se refere ao bandido como “*coroné Lampião*”, que podemos perceber o quanto o potencial violento desses cangaceiros habita o imaginário das pessoas.

*O povo do juazeiro / Todos queriam saber / Ali naquela cidade
Lampião que foi fazer / De fato, a sua presença / Produziu a mais intensa
Dívida que se pode ter*

(ATHAYDE, 1926:9)

As representações de violência são sutis, embora bastante significativas nesse que, atipicamente, é um cordel sobre cangaceiros, porém, sem nenhuma imagem de combate. Lampião, por exemplo, aparece nos versos, concedendo entrevista atento a todos os movimentos ao seu redor, tendo sempre sua carabina em punho, como quem está pronto ao combate no próximo segundo. No poema estão presentes os ameaçadores nomes de guerra que os membros do cangaço adotam quando entram na bandidagem, apelidos que simbolizam a passagem de uma vida sertaneja comum e anônima, para

uma nova dimensão de status social, onde o homem passa a ser dono do seu próprio destino e irá basear “sua lei” em códigos de honra e sobrevivência forjados por regras impostas pelo espaço.

Também não podemos deixar de mencionar a forma como aparecem as descrições da indumentária típica ao cangaceiro, trajes que por si só, são carregados de discursos de poder, ameaçando pelo simbolismo que representam, combinando ao mesmo tempo tecidos, armas, munições, moedas, ouro, couro e até jóias, capazes de aliar funcionalidade de uma camuflante “cor de chão” com signos imagéticos que demonstram o quanto esses homens estão adaptados ao ambiente, o quanto estão prontos ao combate e o quanto suas vidas de extorsão e saques podem proporcionar riqueza.

*Cerca de cinqüenta homens / Cada qual mais bem armado / Trajando roupa de
caqui
Tudo bem municiado / Desde o mais velho ao mais moço / Tinha um lenço no
pescoço
Preso num laço amarrado [...]* (ATHAYDE, 1926:1)

Ou ainda, sobre a roupa de Lampião:

*Tinha calça de bom pano / Paletó de brim escuro / No pescoço um lenço verde
De xadrez e bem seguro / Por um anel brilhante / Que se via faiscante
Por ter um metal mais puro* (ATHAYDE, 1926:5)

Interessa-nos bem mais a forma como são construídas as representações sobre esses cangaceiros do que propriamente o que há de verdade ou de exato nos fatos narrados pelos poemas populares. Notemos, por exemplo, que pelo menos durante as duas décadas que precederam 1914, ano em que foi preso Antônio Silvino, outro dos mais conhecidos nomes do cangaço, poetas e cantadores já declamavam suas façanhas em verso, tornando-o personagem de estórias conhecidas e respeitadas por todo o sertão. “Mais de quarenta folhetos foram escritos sobre o bandido entre 1893 e 1919” (CAVIGNAC, 2006:152). Lampião, em 1926, dominava o sertão a menos de uma década, porém, a essa época, poetas populares como Leandro Gomes de Barros e João Martins de Athayde já haviam escrito, editado e distribuído diversos poemas em cordel, contando façanhas do cangaceiro. Vale-nos, portanto, questionar: em que medida os discursos poéticos produzidos sobre Lampião se apropriaram de grande parte da

simbologia referente ao cangaço, apropriando-se inclusive de feitos de outros cangaceiros, para representar esse que, aos vinte e sete anos de idade, já era temido, admirado e reconhecido pelos habitantes dos mais diversos recantos dos sertões nordestinos?

Certo é que em Juazeiro do Norte o cangaceiro e seu bando foram tratados como celebridades. Pessoas se amontoavam na frente do sobrado onde o bandido se hospedou com seu bando e toda essa notoriedade não deixou de estar representada nos versos de Athayde:

*De toda parte chegava / Gente para o Juazeiro / Alguns deles se vestiam
Com as roupas dum romeiro / Quem morava no deserto / Vinha pra ver bem de
perto
O famoso cangaceiro*

(ATHAYDE, 1926:3)

*Ali chegou uma velha / Com uma imagem na mão / O repórter e mais alguém
Prestaram toda a atenção / Disse a velha paciente: / “Eu trago aqui um presente
Pro coroné Lampião”*

(ATHAYDE, 1926:8)

Temos nas representações do cangaceiro um aparato simbólico que articula discursos de valentia, violência, moral e honra. Vale-nos a noção formulada por Luiz da Câmara Cascudo, em 1938, de que “o sertanejo não admira o criminoso mas o homem valente. Sua formação psicológica o predispõe a isso” (CASCUDO, 2005:166). Para que o banditismo se justifique na poética popular, é necessário alçar mão de preceitos que coloquem o bandido na posição de um justiceiro, alguém que com seus crimes, está fazendo justiça, corrigindo arbitrariedades e maldades produzidas por elementos que agem de forma desonrosa e não consoante com os códigos morais do sertão. Geralmente os grandes cangaceiros têm suas biografias construídas sobre injustiças e violências, exercidas por inimigos, sobre seus familiares ou entes queridos. Foi assim com Antônio Silvino que “era tido pelos cantadores como um ser infeliz, obrigado a viver errante por ter vingado a morte de seu pai” (CASCUDO, 2005:168), bem como com Lampião, que declarava ter abraçado o cangaço pela necessidade de fazer justiça pela morte de seus pais em uma pendenga por terras: “A bíblia manda honrar pai e mãe, e se eu não defendesse nosso nome, eu perderia minha humanidade” (HOBSBAWN, 2010:87). Tais injustiças e a necessidade de reparação levam naturalmente o sertanejo valente a uma

vida de criminoso, ao mesmo tempo em que justifica-lhe tal opção. Assim, o cangaceiro é valorizado não *apesar* de usar de violência, mas sim, por *saber ser violento* sem deixar de ser “honrado”. Não é atoa que “raramente sentimos nos versos entusiastas, um vislumbre de crítica e reproche à selvageria do assassino” (CASCUDO, 2005:168).

*O repórter perguntou / Se ele não se comovia / Com os assaltos às fazendas
Usando de tirania / Na propriedade alheia / Sempre de algibeira cheia
Pelos roubos que fazia*

*Lampião lhe respondeu / “não fiz mal a essa gente / Se acaso peço dinheiro
É muito amigavelmente” [...]*

(ATHAYDE, 1926:8)

Muitos foram os cangaceiros que habitaram os sertões do “Nordeste” do Brasil entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX. Alguns como Jararaca, Colchete, Corisco, Cirino Guabiraba, Pilão Deitado, Rio Preto, Sinhô Pereira, entre outros, tiveram seus nomes figurados em jornais que noticiavam seus feitos, perseguições e eventuais capturas. Dois nomes, porém, foram muito mais recorrentes do que outros nas representações construídas pela Literatura de Cordel: Antônio Silvino, o “Rei do Sertão” (CASCUDO, 2005:168) e o próprio Lampião.

Os discursos populares construídos acerca de Silvino e Lampião, fizeram destes, verdadeiros mitos para o cangaço e para o sertão. A ampla produção de representações para esses personagens, não somente ajudou a torná-los, no imaginário popular, os maiores representantes do advento do cangaço, como conferiram-lhes dimensão lendária, fazendo com que cada um desses bandidos, uma vez cantados e declamados em verso, agregassem todo um conjunto de simbolismos que representam elementos do universo ético sertanejo, reafirmando-o imagética e discursivamente.

É possível que muitos poetas de Cordel, ao escreverem sobre o cangaço, tenham se apropriado de histórias ocorridas com cangaceiros “menos conhecidos” para colocar Antônio Silvino ou Lampião no papel de protagonistas. O que vale aqui é a possibilidade de compor histórias capazes de trazer ao leitor ou ouvinte, algum ensinamento de fundo moral que possa ser apreendido e valorizado. Assim, não raro, esses bandidos aparecem usando de violência e crueldade para defender pequenos fazendeiros explorados por coronéis poderosos, vingar mulheres sexualmente desonradas por valentões, proteger pobres e desvalidos da sorte, ou até “corrigir” comportamentos considerados impróprios. É bastante conhecida e cantada, por

exemplo, uma história em que Lampião teria obrigado uma mulher a abraçar-se e dançar com um pé de mandacaru até a morte, uma vez que esta o teria julgado mal sem conhecer-lhe verdadeiramente (HOBSBAWN, 2010:87).

A crueldade e os atos violentos do bandido são geralmente representados de maneira que, em certa medida, justifiquem-se pelos motivos que os levaram a ser praticados. São justamente os valores morais reconhecidos pelo grupo social que dão suporte a tais atos. Suas enunciações em verso terminam por compor todo um conjunto de práticas discursivas forjadas pelo contexto da vida no sertão, e reconhecidas prontamente pelo sertanejo.

É possível, porém, demarcar características próprias nas maneiras como são construídas, pelas representações do Cordel, as personalidades de Lampião e Antônio Silvino. Se por um lado ambos são bandidos, ladrões e assassinos, ambos representam símbolos e valores do cangaço, ambos são construídos sob signos imagéticos de valentia, violência e honra, por outro lado, cada um dos dois criminosos costuma “encenar” papéis diferenciados na forma como são cantados pelos versos populares.

Lampião costuma ser mais sinistro e cruel, ou como afirmou Cascudo, “...cangaceiro sem as tradições de valentia pessoal, de respeito às famílias que sempre foram apanágios do velho Silvino...” (CASCUDO, 2005:170). Suas representações geralmente o colocam, junto a seu bando, impondo-se por torturas ou matanças desmedidas, ou protagonizando cenas de sangrentas batalhas que remetem mais à mera luta pela sobrevivência do que propriamente a demandas por vingança ou justiça. Nesses casos “o essencial é a coragem pessoal, o desassombro, a afoiteza, o arrojo de medir-se imediatamente contra um ou contra vinte” (CASCUDO, 2005:167), que confere traços de “heroísmo” ao cangaceiro.

Já Antônio Silvino costuma ser representado como uma espécie de guardião da honra e da moral, protetor e vingador de esposas violentadas e moças defloradas, Silvino aparece nos poemas de cordel, castigando e devolvendo esposas infiéis aos seus maridos, obrigando o padre a casar um filho de poderoso fazendeiro com uma filha de pequeno proprietário que havia sido desonrada e humilhada, defendendo agricultores pobres dos desmandos de ricos coronéis.

Portanto, se Lampião usa de violência desmedida para afirmar seu poder e parece abraçar o cangaço sem renegá-lo, tratando-o como um “negócio bem sucedido”,

costuma compor o imaginário acerca de Antônio Silvino, a imagem do “bom bandido”, alguém que nasceu pré-destinado a ser criminoso, que mata e é capaz de ser cruel com seus inimigos, mas, nem por isso, se mostra satisfeito com tal condição. Talvez essa distinção mítica entre as personalidades de Lampião e Antônio Silvino, explique o fato de existirem, para este último, muito mais cordéis onde o poeta se coloca em primeira pessoa, relatando feitos como se fosse o próprio cangaceiro. O poeta coloca-se “na voz” de Antônio Silvino e escreve:

*Mesmo preciso dizer / Que nada fiz escondido / E mesmo todos conhecem
Minha vida de bandido / Nenhum crime me desonra / Dos que tenho
cometido*

*Tomei dinheiro dos ricos / E aos pobres entreguei / Protegi sempre as
famílias
Moças pobres amparei / O bem que fiz apagou / Os crimes que pratiquei
(BATISTA, 1915:1-2)*

Nesse folheto de Cordel, Francisco das Chagas Batista apresenta aquilo que seria a biografia do bandido até o momento em que se entregou à polícia de Pernambuco. O poema constrói uma narrativa voltada a “dar voz” ao bandido, proporcionando-lhe a chance de justificar suas ações durante sua vida de cangaceiro, permitindo, inclusive que o bandido, ao confessar seus crimes, se auto-absolva, declarando seus crimes apagados pelos bens que praticou. Tais justificativas começam por atribuir ao destino, a responsabilidade por fazê-lo nascer para ser bandido, criando assim uma espécie de mito de origem para o personagem:

*Junto à serra da colina / No distrito de afogados / De ingazeira vi a luz
Nasci dia de finados / Tenho trinta e oito anos / Que já estão completados*

*Nasci em setenta e cinco / Num ano de inverno forte / No dia dois de
novembro
Aniversário da morte / Por isso o cruel destino / Deu-me de bandido a sorte
(BATISTA, 1915:2)*

Os valores sociais forjados pelo sertão, justamente aqueles que valorizam o forte, o valente, o brigão, o macho, desde que possuidor de caráter reto e honrado, em detrimento do homem letrado, culto, porém, menos adequado ao aparato cultural sertanejo, também aparecem nos versos como fator preponderante para que, o menino

Manoel Batista de Moraes, aquele que viria, mais tarde, a adotar o nome de um tio cangaceiro morto em combate, e viesse a se tornar o bandido Antônio Silvino (CAVIGNAC, 2006:153), assumisse seu destino no cangaço:

*Meu avô foi muito rico / E meu pai foi abastado / Mas não mandou-me
educar*

Porque onde fui criado / O povo não aprecia / O homem civilizado

*Ali se aprecia muito / Um cantador, um vaqueiro / Um amansador de poldro
Que seja bem catingueiro / Um homem que mata onça / Ou então um
cangaceiro*

(BATISTA, 1915:3)

Seguindo os discursos construídos pela poética popular, nota-se que, dentre as opções oferecidas ao sertanejo valente, aquele que precisa ser valorizado e reconhecido em seu meio social, estavam ser vaqueiro ou, diante da necessidade de reparação e vingança, perante a perda de parentes e terras que levassem naturalmente à rixas de sangue, abraçar a vida de cangaceiro. Porém, assim como aparece, em seguida, na representação acerca do pai de Silvino, os discursos de violência com a finalidade de reafirmar respeito pela valentia, encontram-se presentes mesmo nas representações do homem que nunca foi bandido.

*Meu pai fez diversas mortes / Porém nunca foi bandido / Matava em defesa própria
Quando se via agredido / Pois nunca guardou desfeita / Morreu por ser atrevido*

(BATISTA, 1915:2)

Em terras onde, durante gerações as intervenções legais tiveram pouco ou nenhum poder de ação efetiva, onde a justiça era lenta e cara, onde homens foram acostumados a matar como forma de se defender ou de exigir reparação por ofensas ou agressões (CASCUDO, 2005:171), o homem valente e violento, capaz de fazer sua própria justiça, sem, contudo utilizar-se de ações que rompam com os preceitos morais do seu espaço, torna-se alguém merecedor de respeito. Alguém que acima de tudo está seguindo o exemplo dos tipos humanos míticos que inspiram seu grupo social. O sertão precisa, portanto, afirmar-se na violência, tanto quanto necessita valorizar os códigos de honra que privilegiem os mais preparados a fazer valer todo o conjunto de práticas que garantam a manutenção da ordem social. Fazer justiça com as próprias mãos, sem esperar a ação de autoridades legais, torna-se, no sertão dos tempos do cangaço, muitas

vezes a única opção, algo tão natural no cotidiano sertanejo, quanto nos discursos produzidos pelas representações que os poemas populares constroem para seus bandidos justiceiros. Antonio Silvino, nos versos de Batista, justifica:

*Eu chamei pela justiça / Essa não quis me escutar / Me vali do bacamarte
Vi esse me auxiliar / Nele achei todas as penas / Que um código pode encontrar*

*No bacamarte encontrei / Leis que decide a questão / Que fazem melhor processo
Do que qualquer escrivão / As balas eram soldados / Com que eu fazia a prisão*

*Minha justiça era reta / Para qualquer criatura / Sempre prendi os meus réus
Em casa muito segura / Pois nunca se viu ninguém / Fugir duma sepultura*
(BATISTA, 1915:5)

Talvez pela própria necessidade de não permitir que o cangaceiro seja tomado por fraco, evitando, assim, colocá-lo na condição de covarde, alguém que por fim foi derrotado e preso pela polícia, tendo enfim sucumbido em sua valentia praticamente invencível de bandido, os versos do poema precisam explicar que Antônio Silvino foi preso porque quis, porque estava ferido e cansado de sua vida criminoso e já considerava ser chegada a hora de arcar com as conseqüências de seus feitos.

*Não me prenderam, entreguei-me / Pois já estava cansado / Um dos meus cabras feriu-me
Viu-me doente e roubado / Vim morrer nessa prisão / Cumprir a lei do meu fado*
(BATISTA, 1915:16)

Silvino não morreu prisioneiro. “O Governo Federal indultou-o e, a 19 de fevereiro de 1937, o Rei do Sertão, velho, encanecido, risonho, mas impassível, deixou a prisão” (CASCUDO, 2005:170). O bandido teve comportamento considerado exemplar enquanto esteve preso. Ao ser solto, viveu o suficiente para ver o cangaço minguar e se extinguir. Viveu também o bastante para saber das mortes de Lampião e Corisco.

Antônio Silvino, conhecido como “o Rei do sertão” ou como o “Rifle de ouro”, morreu em 30 de julho de 1944, perto de completar 70 anos, doente, na casa de uma prima em Campina Grande.

Lampião morreu em 28 de julho de 1938. Ele, sua companheira Maria Bonita e grande parte dos membros do seu bando foram mortos quando estavam escondidos na Fazenda Angicos, no Sergipe, em uma emboscada promovida pela

volante comandada pelo Tenente João Bezerra. Os bandidos foram pegos de surpresa no início da manhã, logo após rezarem o ofício. Os soldados utilizaram metralhadoras automáticas e os cangaceiros atingidos, tombaram sem chance de reação. Alguns conseguiram fugir pelo mato. Os bandidos mortos ou morrendo foram degolados, suas cabeças foram salgadas e colocadas em latas de querosene para serem transportadas. Os bens contendo somas em dinheiro, ouro e algumas jóias, foram apreendidos pelo Tenente Bezerra. A macabra coleção de cabeças famosas foi exposta no dia seguinte, junto com armas e pertences dos cangaceiros, na escadaria da igreja da cidade de Piranhas. Essa bizarra exposição foi fotografada, publicada em jornais e se repetiu em vários estados do Nordeste, como forma de mostrar o destino reservado àqueles que transgridem as leis e enfrentam as autoridades legais. De fato, vale questionar o quanto esse tipo de discurso exemplar de poder, baseado na enunciação do horrendo e do macabro, não serve para reforçar e fortalecer a simpatia popular e o mito acerca desses já tão afamados bandidos, colocando-os na posição de vítimas, tratadas cruelmente até depois de mortas, além de fazer de seus algozes, assassinos cruéis e sádicos.

Vale ressaltar que, da mesma forma em que são freqüentes os poemas populares onde a invencibilidade do cangaceiro é atribuída a rezas fortes, amuletos que afastam o azar e feitiços capazes de “fechar-lhe” o corpo, tornando-o forte contra as adversidades do ambiente, imbatível nas lutas corpo a corpo e protegido contra as balas provenientes de tiros inimigos, não são raros os poemas em que se precise buscar no sobrenatural, justificativas para a derrota ou morte do cangaceiro. Não faltam discursos poéticos a atribuir causas sobrenaturais para a morte de Lampião. É possível encontrar, por exemplo, poemas alegando que feitiços de proteção e corpo fechado não funcionam perto da água e como, no momento em que foi morto, Lampião e seu bando estavam acampados num leito de riacho, nenhuma reza ou proteção sobrenatural poderia exercer seu efeito. No imaginário popular, somente pela perda da proteção divina, pela intervenção de fatores místicos e misteriosos, uma personagem como Lampião poderia perder sua invulnerabilidade.

De maneira geral, os cangaceiros eram tidos e representados como homens muito religiosos, aliás, têm-se aí mais um importante fator a gerar empatia entre o povo sertanejo e esses bandidos. Consta, por exemplo, que Jararaca, aprisionado e morto em 1927, na cidade de Mossoró, fora obrigado a cavar seu próprio túmulo para, em seguida,

ser fuzilado de joelhos, pedindo perdão a Nossa Senhora e ao padre Cícero. Sua execução sumária, sem nenhum julgamento, repleta de sofrimento mental e físico, coloca seus executores na condição de covardes, enquanto torna o cangaceiro, ao mesmo tempo um bravo e um mártir (CAVIGNAC, 2006:173). Logo depois da morte de Jararaca, declamada aliás, em diversos cordéis, milagres começaram a ser atribuídos ao cangaceiro. Seu túmulo, em Mossoró, passa a ser visitado por romeiros que crêem que sua alma tem o poder de “operar” curas. “Todos os anos, centenas de pessoas vem agradecer e “pagar uma promessa”: Fiéis fazem fila para acender uma vela ou repintar seu túmulo ” (CAVIGNAC, 2006:173).

Assim como ocorre com Jararaca e outros cangaceiros famosos, ao morrer, Lampião passa a figurar na poética sertaneja, a dimensão do fantástico. Imortal enquanto mito, sua alma errante passa a ser representada em poemas que lhe reafirmam a personalidade heróica, justa e violenta. Morto, o bandido não precisará mais roubar para manter seu bando, nem necessitará fugir das forças policiais, portanto, encontra-se livre para praticar seus valores morais defendendo a justiça, encontrando-se com padre Cícero e prestando-lhe reverência, combatendo e sendo combatido no sertão, no Céu, ou no Inferno. “Os cangaceiros fazem então seu ingresso à lenda. De personagens históricos temidos e perseguidos, se tornam cavaleiros prestativos e admirados, imbuídos de justiça e ordem.” (CAVIGNAC, 2006:170).

Quando a poesia popular representa, por exemplo, a chegada de Lampião ao Inferno, o poeta se utiliza de uma aparelhagem discursiva que permite a manutenção e o fortalecimento do poder mítico do personagem. Após morrer, o cangaceiro mantém sua valentia e seu semblante violento. O Inferno serve, nessa narrativa, não como local de castigo e suplício, mas, antes, para mostrar que, mesmo fora do sertão e estando naquele que é o local mais temido pelos mortais, Lampião não se intimida, não perde sua autoridade, pelo contrário, ele impõe medo através de ameaças violentas.

*Vamos tratar na chegada / Quando Lampião bateu / Um moleque ainda
moço
No portão apareceu / Quem é você cavalheiro / Moleque sou cangaceiro
Lampião lha respondeu*

*- Moleque não; sou vigia / E não sou seu parceiro / E você aqui não entra
Sem dizer quem é primeiro / - Moleque abra o portão / Saiba que sou
lampião
Assombro do mundo inteiro*

(ATHAYDE, 1964:2)

*Lampião disse: vá logo / Quem conversa perde a hora / Vá depressa volte já
Eu quero pouca demora / Se não me derem ingresso / Eu viro tudo pelo
avesso
Toco fogo e vou embora*
(ATHAYDE, 1964:2-3)

Os motivos pelos quais Satanás não permite a entrada de Lampião em seu reino, evocam toda a dimensão ambígua dos simbolismos que representam o cangaço e seus homens. Se por um lado os crimes cometidos, a vida bandida, os assaltos e assassinatos, tornam o Inferno, morada final mais lógica para o cangaceiro, sua valentia, coragem, inteligência, religiosidade e honra, o tornam um “bandido da honestidade”. Alguém que é violento e cruel sem deixar de ser “bom”, ou ainda, alguém capaz dos piores terrores com aqueles que “merecem”, mas que, respeita os sacerdotes, faz caridade, protege os necessitados, sabe ser leal e grato a quem o trata com o devido respeito. Satanás deve rejeitar uma alma possuidora de tantos valores bons. Representados assim, os cangaceiros não só livram-se do Inferno como destino final, mas, principalmente, o vencem, tendo revisadas e relativizadas suas culpas e fardos, em detrimento dos valores éticos que, durante toda a vida terrena, serviram de suporte para seus atos. Nos versos de Athayde, Satanás em pessoa argumenta:

*-Lampião é um bandido / Ladrão da honestidade / Só vem desmoralizar
A nossa propriedade / E eu não vou procurar / Sarna pra me coçar
Sem haver necessidade*
(ATHAYDE, 1964:3)

Sob o pretexto de tal rejeição, o poeta não perde a oportunidade de mostrar o cangaceiro mais uma vez em combate, sendo que, dessa vez, lutando sozinho contra uma horda de demônios que, aliás, em muito pouco diferem daqueles que teve de combater em vida. Não surpreende que, mesmo logo após ser morto, Lampião já esteja tendo que ser valente e resistente, enfrentando “de cacete, faca e braço”, valentões em numero absurdo, fazendo nego gemer e se contorcer, cobrindo o ar com a poeira levantada do chão, mostrando-se forte a ponto de surpreender até aos donos dos quintos dos infernos.

*Lucifer mais Satanás / Vieram olhar do terraço / Todos contra Lampião
De cacête, faca e braço / O comandante no grito / Dizia: briga bonito
Negrada, chega-lhe o aço*

*Estava travada a luta / Mais de uma hora fazia / A poeira cobria tudo
Negro embolava e gemia / Porém Lampião ferido / Ainda não tinha sido
Devido a grande energia*

(ATHAYDE, 1964:6)

Nas representações produzidas para essa dimensão do fantástico, o Inferno é por si só um espaço construído imageticamente para atender às demandas discursivas do cordel. Discursos esses, que precisam ser prontamente reconhecidos pelo leitor, sertanejo. Seus símbolos constitutivos assemelham-se sobremaneira aos elementos encontrados no sertão. Satanás e Lúcifer, líderes incontestes desse espaço, agem de forma bastante semelhante àquela que encontraremos nas representações acerca dos coronéis fazendeiros, possuindo inclusive dinheiro, bens e mercadorias. As terras infernais, mencionadas em verso como sendo uma “propriedade”, se parecem com um latifúndio, possuem cerca, portão e vigia, dependem de bom inverno para obter boa safra. Seus ricos proprietários precisam recorrer à proteção de “cabras”, nesse caso, almas perversas de criaturas que não souberam levar uma vida digna e estão ardendo no fogo, para combater toda e qualquer força que lhes ameace o poder. Ao combater e vencer toda essa ordem, Lampião permanece mais do que nunca, invencível e imortal. Os valores e símbolos que fazem dele um mito se afirmam e ressignificam. Mais uma vez o cangaceiro – e aqui Lampião representa todos os cangaceiros – destrói, vandaliza, fere e mata sem deixar de estar simbolicamente combatendo o mal.

*Houve grande prejuízo / No inferno nesse dia / Queimou-se todo o dinheiro
Que Satanás possuía / Queimou-se o livro de ponto / Perdeu-se vinte mil
contos
Somente em mercadoria*

*Reclamava Lúcifer: / Horror maior não precisa / Os anos ruins de safra
Agora mais essa pisa / Se não houver bom inverno / Tão cedo aqui no
inferno
Ninguém compra uma camisa*

(ATHAYDE, 1964:7)

Por fim, representado em verso, declamado e cantado, o cangaceiro assume definitivamente seu destino e é (re)colocado em seu legítimo espaço:

*Leitores, vou terminar / Tratando de Lampião / Muito embora que não possa
Vos dar a explicação / No inferno não ficou / No céu também não entrou
Por certo está no sertão*

(ATHAYDE, 1964:8)

Qual morada seria mais propícia ao homem que não fez por merecer estar no Céu, mas também não se justificaria no Inferno? Homem cuja alma não cabe em nenhum dos possíveis destinos eternos conhecidos, justamente por ter seguido as regras de sobrevivência, os códigos de honra, as tramas de poder e violência traçadas por seu espaço? Certamente, o sertão coloca-se ao mesmo tempo como prêmio e possibilidade única para a alma errante do cangaceiro que precisa permanecer em seu devido lugar, combatendo, aterrorizando, fazendo justiça, mesmo depois que o cangaço acabar, mesmo após ser cantada em verso, a morte do seu último bandido. Permanece o mito, evocado nos dias atuais em versos, filmes, canções e camisetas, vendidas como *suvenires* para forasteiros de outros espaços. E o sertão? Penso que continua valendo-se deste e de outros mitos para continuar sendo compreendido como sertão.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nordestino uma invenção do falo: uma história do gênero masculino* (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.

_____. “*Quem é froxo não se mete*”: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda_remissa/froxos_nao_se_mete.pdf>, Acesso em: 06/06/2008.

ATHAYDE, João Martins de. *A Chegada de Lampião no Inferno. Juazeiro*. Recife: José Bernardo da Silva, 1965, 16 p. Folheto de Cordel.

_____. *Como Lampião entrou na cidade do Juazeiro acompanhado de cinquenta cangaceiros e como ofereceu seus serviços à legalidade contra os revoltosos*. Recife: [s.n.], 1926, 12 p. Folheto de Cordel.

BATISTA, Francisco das Chagas. *O Interrogatório de Antonio Silvino na prisão*. Recife : [s.n.], 1915. 16 p. Folheto de Cordel.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Vaqueiros e cantadores*. São Paulo: Global, 2005.

CAVIGNAC, Julie. *A literatura de cordel no Nordeste do Brasil*. Título original: *La littérature de colportage au nord-est du Bresil*. Tradução de Nelson Patriota. Natal: EDUFRN, 2006.

HOBSBAWN, Eric. *Bandidos*. São Paulo: Paz e Terra, 2010. 4.ed.

MACEDO, Otacílio. Matéria editada no Diário do Cariri, sob o título “*Entrevista de Lampião em Juazeiro*”. Juazeiro, 06/03/1926. Disponível em: <<http://blogdomendesemendes.blogspot.com/2010/12/entrevista-de-lampiao-ao-medico-de.html>>, Acesso em: 02/12/2010.

MOTA, Leonardo. *Quem escreveu a patente de Lampião*. In *No tempo de Lampião*. Ceará: Imprensa Universitária do Ceará, 1967. 2. ed.